

OS FANZINES COMO ALTERNATIVA DE DIVULGAÇÃO DAS BANDAS UNDERGROUNDS/INDEPENDENTES NO DF

*ANUÁRIO DA PRODUÇÃO DE
INICIAÇÃO CIENTÍFICA DISCENTE*

Vol. 13, N. 19, Ano 2010

*Fabio Guedes dos Santos
Edson Porto de Carvalho
Prof. Larissa Ribeiro Silva*

Curso:
Jornalismo

FACULDADE ANHANGUERA DE
BRASÍLIA - UNIDADE TAGUATINGA

RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo avaliar a contribuição dos fanzines como veículo de comunicação e divulgação das bandas de rock independentes no Distrito Federal. Tendo por base a construção histórica do fanzine enquanto meio de comunicação, a pesquisa realizada em Brasília constrói a história desse veículo na capital do país e demonstra que os fanzines brasilienses são, em sua maioria, publicações independentes que surgem como principal canal de comunicação das bandas de Punk Rock e Heavy Metal, ou o que se pode alinhar como underground/independente. A partir da coleta de depoimentos dos principais produtores locais de fanzines foi possível averiguar a importância desse veículo para a cena da música independente na capital federal e ainda mapear os aspectos que marcam a transição desse veículo impresso para o formato digital.

Palavras-Chave: Fanzines, mídia alternativa, Brasília, rock, divulgação.

Anhanguera Educacional Ltda.

Correspondência/Contato
Alameda Maria Tereza, 4266
Valinhos, SP - CEP 13278-181
rc.ipade@aesapar.com

Coordenação
Instituto de Pesquisas Aplicadas e
Desenvolvimento Educacional - IPADE

*Trabalho realizado com o incentivo e
fomento da Anhanguera Educacional*

1. INTRODUÇÃO

Brasília é uma cidade sem raízes históricas nítidas quando se olha a capital federal na perspectiva das grandes cidades brasileiras, portanto a capital federal está a escrever e descrever sua história que é recente. Dentro deste conceito a história da imprensa de Brasília torna-se ainda mais diminuta quanto à sua descrição. Se debruçar sobre o trabalho dos fanzines é contribuir para descrever uma parcela da história da imprensa alternativa brasiliense e os seus desdobramentos nos processos de comunicação da Capital Federal.

Os fanzines, publicações de baixo orçamento e de livre linha editorial, foram criados na década de 1960 para divulgar as predileções dos fãs pela ficção científica, e sempre teve como característica uma forte aproximação entre o editor e seus leitores. Com o passar do tempo, essa característica foi facilmente assimilada pelo movimento underground¹, que possui características bem singulares. Dentre estas, pode-se destacar o sistema de produção que se mantém sob uma lógica que dispensa a divulgação em grandes mídias e se contrapõe ao sistema de produção mercadológico que vigora no âmbito social desde o fim da guerra fria.

Para tanto, o movimento underground/independente construiu um projeto midiático específico, com um importante papel: ser um elo entre o seu produto e o público apreciador, entre criação e divulgação de seus trabalhos. Assim, fizeram do fanzine o principal meio de divulgação de grupos culturais independentes, que ainda buscam espaço ou que simplesmente não se atém aos percalços e submissões impostas pela grande mídia. Esse tipo de publicação como suporte à música underground/independente chegou em Brasília na segunda metade da década de 1980. Nascido da união de pessoas que tinham em comum o gosto pela música não comercial e que compartilhavam do conhecimento sobre as publicações alternativas, que já eram produzidas em outros estados brasileiros.

É importante tratar de fanzines para mostrar como é possível criar seu próprio meio de divulgação e assim trabalhar com conteúdo de pouco interesse comercial.

Desde sua origem, os zines surgiram também como uma alternativa à grande imprensa, sempre muito burocrática no contato com seu próprio público, tanto no que se refere à interferência da opinião dos receptores sobre o que é emitido, quanto à resposta direta e personalizada deles a esses meios. (...) As estéticas, temáticas e linguagens trabalhadas por eles foram excluídas dos meios de comunicação de massa através de uma seleção que dá preferência a elementos mais genéricos, arquetípicos, visíveis e superficiais de uma cultura, eliminando conteúdos específicos e em pleno estágio de formação, como é o caso de boa parte do que é veiculado em zines. (...) Os meios de comunicação de massa

¹ De acordo com Mendonça (XXXX), o termo vem de "subterrâneo", de organização, de oposição, de algo contrário ao sistema, de marginalidade. Inúmeras manifestações podem se consideradas underground: o jazz, o blues, a música eletrônica, ou seja, tudo que de certa forma está submerso, longe dos olhos da mídia e da exploração do sistema capitalista.

são suportados por uma estrutura grandiosa e cara o bastante para que seus produtores corram o risco de oferecer ao público algo passível de não ser entendido. (ARAGÃO, 1999)

Hoje para a maioria dos autores, uma das vertentes mais fortes no universo dos fanzines são as publicações sobre o rock underground/independente, que remontam e se confundem com o nascimento da música Punk, um dos principais movimentos artísticos de atitude política da história musical. O conhecido lema punk reza a premissa do “faça você mesmo” e é esse sentido que norteia as publicações fanzineiras.

Como tribuna para a música alternativa, os fanzines desempenham papel fundamental na comunicação de um nicho cultural, disseminando informações para um grupo de indivíduos que possivelmente não o fariam sem o auxílio dessa ferramenta de informação. Em confluência ao papel desta mídia independente há o fator de que ela pertence à esfera da imprensa da capital federal, ou seja, é uma parte orgânica da história de Brasília. Porém essa importância tem sido pouco explorada em termos acadêmicos, daí nasce a necessidade de criar um produto com o qual seja possível delinear um pouco da história dos fanzines no Distrito Federal fazendo um levantamento da trajetória desses veículos na capital, e que sirva de auxílio para futuras pesquisas. Para tal, o meio escolhido foi o vídeo documentário, devido sua linguagem direta e ao seu dinamismo.

2. OBJETIVO

O presente estudo tem como objetivo principal avaliar a importância do trabalho dos fanzines na esfera da música independente em Brasília. Investigar e descrever os processos de trabalho dos fanzines nas relações com os músicos independentes de Brasília, as principais dificuldades encontradas para manter a atividade das publicações, além de verificar a migração dos fanzines do seu formato tradicional para os meios digitais, traçando um perfil das publicações mais atuantes que circulam no Distrito Federal.

3. METODOLOGIA

Aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa - CEP, sob o protocolo No.: 255/2010, a metodologia do presente estudo se divide em dois momentos: o primeiro caracteriza-se pela pesquisa bibliográfica e exploratória sobre o tema. Dentre as principais obras destacam-se os trabalhos de Henrique Magalhães e Tiago Lacerda, além de outros trabalhos apresentados em eventos científicos do país. No segundo momento coletou-se o depoimento de seis produtores de fanzine no distrito federal. A amostra foi filmada e é

representativa por se tratar dos principais expoentes do cenário underground/independente no Distrito Federal. A escolha dos entrevistados seguiu a premissa de ouvir pessoas que representam diferentes gerações de moradores da cidade. O que torna possível abranger e analisar as mudanças no processo de construção dos fanzines e as influências exercidas nos indivíduos de acordo com a realidade cultural de sua geração.

É importante ressaltar que os dados foram obtidos através de entrevistas não-estruturadas que servirão de base para a produção do vídeo documentário. O uso de questões abertas, não estruturadas, permite que o questionário sirva apenas como um guia e possibilita que os entrevistados conduzam as entrevistas sem a intervenção dos pesquisadores nas respostas dos entrevistados. Todos os envolvidos na presente pesquisa assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

Para o trabalho de descrição das praticas de produção dos fanzines será utilizado a entrevista qualitativa em profundidade. Por meio desta ferramenta de pesquisa procurou-se cumprir a ordenação das idéias e opiniões acerca do assunto. Segundo Martin Bauer e George Gaskell, a entrevista qualitativa é utilizada para instrumentar a compreensão das relações entre os atores sociais em sua esfera de participação. Assim sendo possível compreender o mundo dos entrevistados e os grupos sociais nos quais estão inseridos.

O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceptuais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações. A entrevista qualitativa, pois, fornece dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivação, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos. (Bauer e Gaskell, 2002. P. 65)

4. DESENVOLVIMENTO

Pragmaticamente, podemos definir os zines como sendo produções independentes, que vão de encontro a qualquer censura, pregando a liberdade de expressão, abrindo espaço para todo tipo de comentários e opiniões, sobre as mais variadas temáticas e visões.

Entre os aspectos essenciais dos Fanzines, os autores destacam a produção de conteúdo atípico a grande imprensa, elementos jornalísticos, experimentações editoriais, multidisciplinaridade editorial, livre produção, liberdade criativa e traços mais patentes, como o fato das publicações serem feitas de fãs para fãs e não demandar nenhum ganho econômico, etc.

Uma das mais marcantes características desse tipo de publicação é que qualquer pessoa pode se tornar fanzineira, independentemente de seu nível cultural, social, ou intelectual, o que importa é ter vontade e disposição para criar, produzir, montar, divulgar e distribuir seus fanzines. Afinal, todo faneditor é o faz-tudo de suas publicações. (LACERDA, 2006)

Os fanzines, como um fenômeno da comunicação têm sido pouco estudados quanto aos seus impactos. Nesse sentido, Henrique Magalhães definiu a feição dos fanzines:

(...) imprensa alternativa: sua produção é independente, sua linguagem discursiva e gráfica procura ser inovadora e apresenta conteúdo, quando não contestador, ao menos voltado para assuntos pouco abordados pela grande imprensa (MAGALHÃES, 2003. p. 32).

O autor considera ainda que os fanzines são indispensáveis para a imprensa e para o mercado editorial, já que eles possibilitam a experimentação de novas linguagens gráficas e textuais, além de contribuírem para o lançamento e desenvolvimento de novos autores.

Além de possibilitar a experimentação de novas linguagens gráficas e textuais, os fanzines contribuem para o lançamento e o desenvolvimento de novos autores. Eles servem de laboratório para pequenas editoras de quadrinhos nacionais, abrindo espaço de aproximação entre o autor e seu público (MAGALHÃES, 2003. p. 90).

Os depoimentos dos fanzineiros entrevistados corroboram com essa afirmativa, mas relatam também que alguns fanzines nascem da dificuldade que os músicos das bandas independentes têm em divulgar seu trabalho, então eles criam suas próprias publicações, nas quais começam falando apenas de seus trabalhos e posteriormente abrem espaço para outras bandas com as quais tem alguma aproximação. Juliano Alexander, do fanzine brasileiro Fúria Urbana, tem a preocupação de fazer do seu fanzine um veículo de comunicação que também trate de temas como política, racismo, aborto, entre outros.

A idéia de fazer um zine nasceu quando eu percebi que tinha várias bandas, aqui em Taguatinga mesmo, que tocava, lançava CD, fazia um monte de coisas, mas não tinha divulgação em lugar algum. Aí, acabou que surgiu a necessidade de fazer o zine, não só pra, no meu caso, não só para divulgar bandas, mas também para alguns textos críticos, sobre política, sobre a situação até do underground mesmo, do DF (ALEXANDER, 2010).

A dificuldade em manter os custos das publicações faz com que os fanzines impressos migrem para o suporte on-line, abandonando as edições impressas e mantendo o trabalho apenas na internet. Fellipe CDC é o fanzineiro mais atuante da cena underground/independente do Distrito Federal. Fellipe começou suas atividades fanzineiras ainda na primeira metade da década de 1980, quando colaborava com publicações de outros estados. Depois, junto com Roldão e Cláudio Carrasco, fundou o Metal Blood, o primeiro fanzine voltado à divulgação de bandas underground/independentes no Distrito Federal.

Ainda na década de 1990, Fellipe editou o fanzine Raio X, que além de divulgar bandas underground/independentes, abordava outros assuntos como drogas e prostituição. Sempre atuante na cena underground/independente, Fellipe continuou colaborando com publicações de outros estados, fazendo com que as bandas underground/independentes de Brasília tivessem seu trabalho divulgado por todo o Brasil. Adepto incondicional dos fanzines impressos, Fellipe hoje edita o fanzine Brasília Fina Flor do Rock na internet.

Antigamente eram raros os fanzines que tinham computador, era tudo datilografado, escrito à mão, e colado. Hoje as formas de se fazer um fanzine são muito maiores, só que você tem em termos impressos, muito menos fanzines hoje do que antigamente (CDC, 2010).

Observou-se também que mesmo concordando que a internet é um ótima ferramenta de expansão para o trabalhos dos fanzines, há ainda aqueles que defendem os formatos reproduzidos em fotocopiadoras. Como defendeu Antônio Roldão, o pioneiro na edição de fanzines voltados à divulgação de bandas de Heavy-metal no Distrito Federal.

Hoje em dia qualquer um pode fazer um fanzine no computador e tal. Hoje tem vários fanzines on line, na internet. Mas eu acho ainda, que o fanzine impresso, é uma coisa mais cultuada, é mais sofrida para fazer, tem mais haver, está mais no sangue, do que um zine on line, por exemplo. Não que o on line deixe de divulgar alguma coisa, divulga até mais, tem mais espaço e etc. mas o prazer do cara pegar um zine impresso e ler, isso aí é incontestavelmente é superior (ROLDÃO, 2010).

O roteiro do vídeo documentário foi construído em uma estrutura temporal linear entrecortado pelas divisões conforme as idéias e conflitos, que o universo do fanzine compreende, surgiam dentro dessa temporalidade. As entrevistas funcionam como uma ancora que produz a narrativa com base no relato dos entrevistados. O filme se afasta dos padrões jornalísticos e até mesmo dos modelos mais rígidos e objetivos de documentários da escola inglesa fundada por John Grierson, endossados em uma voz off e imparcial.

O entrevistado substitui a presença onipresente do narrador, formando um diálogo com o filme e contrapondo-se aos argumentos expostos. Como acontece, quando em busca de um início da prática fanzineira em Brasília, Roldão rememora a cena da cultura underground/independente da cidade.

Que eu me lembre, o fanzine em Brasília, o primeiro que eu tenho notícia, foi o do Mário Pacheco. Que é o Sleep Vilage (...).Esse fanzine, antes de ser um fanzine especificamente só do Black Sabbath, já era um fanzine chamado Jornal do Rock. E abrangia todos os tipos de vertentes do rock n' roll, que na época o máximo que existia era rock pauleira, não existia Heavy-metal, ninguém falava heavy-metal, falava rock pesado no máximo (ROLDÃO, 2010).

Todos os outros entrevistados ao lembrar o primeiro contato com os fanzines são remetidos a essas publicações. Tomaz André, outro fanzineiro escolhido para ser entrevistado por sua importância no cenário underground/independente, editou o

fanzine O Espírito de Porco no final da década de 1980, publicação voltada para a divulgação de quadrinhos independentes e undergrounds.

Nesse mesmo período, ele criou e encarte Dentadura Postiça, um suplemento destacável anexado n' O Espírito de Porco, cuja finalidade era divulgar bandas underground/independentes. Já década de 2000, Tomaz criou o fanzine Zine Oficial, publicação destinada a divulgar eventos underground/independentes. Como o Zine Oficial era específico para a divulgação de eventos, Tomaz resolveu criar uma versão online do mesmo. Hoje o site, que tem uma abrangência maior que o impresso, divulga além dos eventos, entrevistas e resenhas de bandas undergrounds/independentes. A versão online do Zine Oficial recebe em média 300 visitas diárias, já o impresso conta com uma tiragem média de 2000 cópias por edição.

José Lorenço é responsável pela publicação que leva o nome de Underground/independente Nightmare e que tem como propósito básico divulgar os trabalhos independentes das bandas. O impresso de duas folhas xerocadas frente e verso é enviado pelo correio para todos os cantos do Brasil, o que faz com que os grupos que dele participam ganhem projeção de norte a sul do país.

Nesse ponto é importante destacar que os fanzines, como um fenômeno da comunicação têm sido pouco estudados quanto aos seus impactos. Nesse sentido, Henrique Magalhães definiu a feição dos fanzines:

(...) imprensa alternativa: sua produção é independente, sua linguagem discursiva e gráfica procura ser inovadora e apresenta conteúdo, quando não contestador, ao menos voltado para assuntos pouco abordados pela grande imprensa (MAGALHÃES, 2003. p. 32).

Rômulo Campos, jovem fanzineiro que começou seus trabalhos em meio à transição das mídias impressas para a versão online, editou por algum tempo o fanzine impresso Underground/independente Zine, que acompanhando a era digital já tinha suas edições impressas impressoras jato de tinta e não mais xerocadas. Com os avanços da era digital, e com as limitações de dificuldades para impressão, Rômulo decidiu migrar de vez para a versão online, limitando-se a escrever e divulgar seu trabalho apenas em blogs e sites.

Juliano Alexander caracteriza os fanzines como principais canais de divulgação do movimento underground/independente no DF.

Na ausência do fanzine significa até a ausência de bandas do underground, entendeu. Uma coisa está ligada à outra. Se não tiver fanzine, não tem imprensa underground. O resto é balela (ALEXANDER, 2010).

O pensamento de Fellipe CDC, o fanzineiro mais atuante do Distrito Federal perfaz a atividade dos fanzines como meio de comunicação de um segmento cultural, demonstrando que a capacidade da participação cultural e da comunicação é ilimitada.

No mais, essa vinculação, esse círculo que se forma entre fanzineiro e bandas, é uma coisa que extrapola na verdade o Brasil, extrapola Brasília, extrapola o mundo inteiro. A gente recebe material do mundo todo. Pra você ter uma idéia, quando a gente fazia o Metal Blood, a gente ficou impressionado quando chegou a demo de uma banda que hoje é conhecida no mundo inteiro, que é o Iced earth. Então é uma banda que começou nos zines e ganhou o mundo. Então eles começaram através dos fanzines. Então, isso pra nós que fazemos fanzines, isso é uma vitória fenomenal (CDC, 2010).

5. RESULTADOS

A análise dos depoimentos colhidos permite inferir que os fanzines se materializam como um dos principais expositores da cultura participativa, oferecendo um espaço midiático para a circulação de idéias e manifestações que não figuram na grande mídia. A migração dos fanzines do seu formato tradicional para os meios digitais, apesar de ainda haver resistências, é uma tendência entre os fanzineiros; De acordo com os entrevistados, as publicações impressas cada vez mais dão lugar a versões online que possuem um público crescente. O alcance ficou mais extenso, mas a veia independente e vontade de trabalhar com conteúdos à margem das grandes mídias permanecem. Como destaca o jovem fanzineiro José Lourenço, que considera que as publicações impressas estão aliadas às versões on line.

Eu acho que o fanzine está caminhando aliado ao web zines. Da mesma forma que o cara faz uma versão para a internet, ele também faz uma versão impressa e só aumenta a divulgação, não são concorrentes. O web zine não atrapalha o fanzine de papel (LOURENÇO, 2010).

Os entrevistados enumeram as dificuldades enfrentadas para manter os fanzines. Para eles a capital federal tem uma imprensa pequena, se comparada com os grandes centros urbanos do país. Assim, o trabalho desenvolvido pelos fanzines, como suporte à divulgação das bandas de rock underground/independente do Distrito Federal, tem se mostrado essencial e fundamental. André Tomaz elucida a importância dessas publicações artesanais apontando a relação das bandas com os zines:

O que mantém vivo o underground são os zines. Às vezes as pessoas não se dão conta da importância desse tipo de publicação. Então para quem gosta de rock, quem gosta de quadrinhos, quem gosta de um determinado tipo de assunto que não está inserido ainda na grande mídia, o que ele vê, vê nos fanzines. E pras bandas formarem um portfólio delas também. Então a banda já saindo em vários shows, ela já tendo aquele material impresso (...) como é o caso dos zines, da maioria dos zines. Quando ela [a banda] vê a foto dela publicada no zine, (...) vê matéria falando dela, um release falando de um show que eles vão tocar, (...) ela se sente mais valorizada (ANDRÉ, 2010).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados alcançados através da pesquisa elaborada ilustram o problema exposto: as bandas do cenário independente de Brasília encontram nos fanzines a principal opção possível para expor seus trabalhos, já que esse segmento musical não desperta o interesse da grande mídia.

Os fanzines são utilizados como meios de divulgação alternativa para bandas de rock independentes e undergorund, em especial as bandas de Punk Rock e Heavy Metal, que muitas vezes encontram nessas publicações o principal meio de disseminação de seu trabalho. Em quatro décadas os fanzines sofreram diversas mutações, passando de simples impressos copiados em xérox para “quase revistas” feitas em gráficas. Além da inclusão digital, que transportou os impressos para internet, transformando os fanzines em e-zines.

A pesquisa pretendeu demonstrar, sobretudo, através de registro fílmico, como os fanzines se firmam como canal de comunicação das bandas undergrounds do DF. A intenção foi demonstrar por meio do material registrado, uma parte da história dessas publicações independentes e conseqüentemente parte da imprensa alternativa da cidade e deixar o resultado em formato de vídeo documentário para contribuir para o fortalecimento de uma história da imprensa no Distrito Federal e também para servir como base para futuras pesquisas.

PARECER DE APROVAÇÃO DE COMITÊ

Pesquisa autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Anhanguera Educacional S/A - CEP/AESA - em 09/12/2010 por meio do parecer: 255/2010.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, Thaís Amorim. Os “índies do Brasil” – Sobre o Tupanzine fanzine brasileiro contemporâneo polêmico sobre indie rock. 1999. Monografia (Graduação em Comunicação Social). Universidade do Ceará. Fortaleza, Ceará.
- COSTA E SILVA, Leandro Menezes et al. Fanzine Lado[R]. 2008. (Trabalho submetido ao XIX Expocom, na categoria E Áreas Emergentes, modalidade processo, como representante da Região Nordeste.). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, Rio Grande do Norte.
- LACERDA, Tiago de Oliveira. Fanzines - Uma faceta da comunicação alternativa na cidade de Campina Grande. 07 f. 2008. Artigo (Graduação em Comunicação Social). Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, Paraíba.
- LUIZ, Lucio. A Expansão Da Cultura Participatória No Ciberespaço - Fanzines, Fan Fictions, Fan Films E A “Cultura De Fã” Na Internet. 2006. 09 f. Tese (Mestrado em Educação Tecnologias de

Informação e Comunicação nos Processos Educacionais) Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MAGALHÃES, Henrique. A mutação radical dos fanzines. 2003. Trabalho apresentado no III Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, no XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação (INTERCOM), Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10229/79816> Acessado em: 29 de agosto de 2009.

MAGALHÃES, _____. O rebuliço apaixonante dos fanzines. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2003.

NASCIMENTO, Melissa Eloá Silveira. A escrita dos fanzines. 2008. 21 f. Anais do V Congresso de Letras da UERJ-São Gonçalo.

NEGRI, Ana Camila. Quarenta anos de fanzine no Brasil: o pioneirismo de Edson Rontani, 2005. Trabalho apresentado no NP16 - Histórias em Quadrinhos durante o XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, RJ, 05-09, setembro, 2005. Disponível em: <http://lakh.unm.edu/handle/10229/84567>. Acessado em: 04 de setembro de 2009.

ZAVAM, Aurea Suely. Fanzine: a plurivalência paratópica. 2006. 20 f.. Tese (Doutorado em Lingüística). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Ceará.

RAMOS, Fernão Pessoa e AFRÂNIO, Catani, O que é Documentário? (orgs.), Estudos de Cinema. SOCINE 2000, Porto Alegre, Editora Sulina, 2001, pp. 192/207

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas: Papirus, 2007. 2ª edição

ALEXANDER, Juliano. Gravação em MiniDv. Brasília: 2010. Entrevista concedida a Fabio Guedes e Edson Porto.

ANDRÉ, Tomaz. Gravação em MiniDv. Brasília: 2010. Entrevista concedida a Fabio Guedes e Edson Porto.

CAMPOS, Romulo. Gravação em MiniDv. Brasília: 2010. Entrevista concedida a Fabio Guedes e Edson Porto.

CDC, Fellipe. Gravação em MiniDv. Brasília: 2010. Entrevista concedida a Fabio Guedes e Edson Porto.

LORENÇO, José. Gravação em MiniDv. Brasília: 2010. Entrevista concedida a Fabio Guedes e Edson Porto.

ROLDÃO, Antônio. Gravação em MiniDv. Brasília: 2010. Entrevista concedida a Fabio Guedes e Edson Porto.

CINEMATOGRAFO. Eisenstein: Política e Arte. Disponível em: <<http://www.cinematografo.com>>. Acesso em: 19 de maio de 2010.

CENTRO DE MÍDIA INDEPENDENTE. O roteiro no cinema documentário. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org>>. Acesso em: 19 de maio de 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Eu, um negro (Jean Rouch, 1959). Disponível em: <<http://www2.ufscar.br>>. Acesso em: 10 de Abril de 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Jean Rouch: Uma fissura no cinema. Disponível em: <<http://www2.ufscar.br>>. Acesso em: 10 de Abril de 2010.